

## Iconoclastia.

1 Conferência no colóquio "Leitura de Imagem", Ministère de la Culture et de la Communication, Paris, 30 de novembro de 1978.

A história no sentido restrito do termo começa com a invenção da escrita, e acabaria se a arte de escrever caísse no esquecimento. Como podemos observar atualmente tendência rumo a um analfabetismo secundário, tal definição de história enquanto período da escrita adquire um clima de atualidade. A justificativa de ligar desta história com escrita não reside apenas no fato banal que a escrita permite fixar eventos e portanto a leitura do passado. Se fosse esta a única justificativa, se fizéssemos a diferença entre história e pré-história apenas em base da existência ou não de documentos escritos, (como o faz a historiografia escolar), não haveria distinção essencial entre a existência pré-histórica e a histórica. Eventos passados podem ser lidos não apenas graças a textos, mas igualmente graças a documentos codificados por exemplo por imagens. A verdadeira justificativa de ligar-se estreitamente história com escrita está no fato que o ato de escrever, isto é: o alinhamento de símbolos, é gesto que permite perceber o mundo enquanto processo, isto é: produz a consciência histórica. Sem escrita não há história, porque para o analfabeto o mundo não se desenvolve.

A escrita, os códigos que ordenam símbolos em linhas, surgem a partir de imagens. Podemos observá-lo em determinados tijolos mesopotâmicos. Lá são observáveis imagens impressas sobre a argila com selos, acompanhadas de símbolos alinhados linearmente inscritas curvilinearmente com pauzinhos na argila. Os símbolos assim alinhados podem ser as mesmas figuras que estão contidas na imagem, ("pictogramas"). O propósito óbvio dessas linhas de símbolos é comentar, explicar, descrever a imagem acompanhante, em suma: facilitar-lhe a leitura. Essencialmente tais "textos" são imagens desenvolvidas em linhas, portanto explicitações do implícito na imagem. As linhas do texto são como fios desenvolvidos a partir do tecido da imagem, e neste sentido é a escrita um "desenvolvimento da imagem". A escrita é iconoclastia, porque rosca a imagem. História é iconoclastia, e a idolatria das techno-imagens que parece aproximar-se é o fim da história.

A pergunta que tal consideração impõe é: por quê imagens devem ser explicadas, por quê foi inventada a escrita? Imagens são superfícies que significam aspectos do mundo. Por exemplo pinturas em paredes de cavernas, superfícies de vasos gregos, vitrais em catedrais góticas, ilustrações em livros de ensino, telas de TV, cartas Michelin, fórmulas químicas estruturais, projeções estatísticas bidimensionais. Tais superfícies significam aspectos do mundo para quem aprendeu decifrá-las, isto é: quem participa da convenção que as torna significantes. Tal convenção é chama

de "imaginação". Tão código de imagens se funda sobre inclinação específica, e a inclinação necessária para decifrar as pinturas de Lascaux difere da imaginação necessária para decifrar projeções estatísticas computabilizadas. Por isto imagens podem ser lidas erroneamente, isto é: com imaginação não pretendida pelos produtores. Seria erro lêr as cartas Michelin como se fossem imagens de Lascaux, (mapas para enganar turistas), ou como se fossem projeções estatísticas, (propostas para futura construção de estradas). Mas tal fonte de erros centrais nas imagens não é a verdadeira causa da invenção da escrita explicadora de imagens.

Há outra fonte de erros, mais profunda, que se esconde nas imagens, e que tem a ver com a dialética própria a toda mediação. O homem produz superfícies destinadas a significar aspectos do mundo, porque o mundo deixou de lhe ser acessível imediatamente. As imagens devem mediar entre homem e mundo, desde que o homem se alienou do mundo e passou a "existir", (enfrentar o mundo de fora). A imaginação é método para superar a alienação, será orientar-se no mundo perdido. Por exemplo método para poder caçar, (Lascaux), guiar carro, (Michelin), ou prevêr o futuro, (projeções). Mas a imaginação pode inverter-se dialécticamente e passar a ser alucinação. As imagens resultantes de tal imaginação invertida deixam de mediar com o mundo, e passam a ser superfícies opacas que encobrem o mundo. Os seus vetores de significação se invertem e apontam o seu produtor em vez de apontarem o mundo. A imaginação em tal caso passa a ser alienação intensificada, e o homem passa a ser instrumento de seu próprio instrumento: em vez de se servir da imagem passa a adorá-la. É contra o perigo de tal idolatria, contra a loucura da imaginação alucinatória, que foi inventada a escrita. História é iconoclastia enquanto terapia da loucura da idolatria.

A escrita é método de render transparentes as imagens opacas. É pois mediação entre o homem e o mundo imaginário do qual o homem se alienou, embora ele próprio o tenha produzido. A escrita é mediação de segundo grau: significa imagens que significam coisas. Isto vale para todo tipo de escrita seja ela pictográfica, ideográfica, hieroglífica, alfabética, etc. Todo texto é, em última análise, descrição de imagem, por mais abstrato da imagem que seja sob primeira análise. O fato que todo texto visa penetrar o mundo imaginário para fazê-lo transparente para o mundo vital perdido era mais consciente aos primeiros escribas que atualmente. Eles sabiam que escrever implica demitizar, que a estrutura do pensamento, portanto do sentimento e da ação, em suma: da vida, muda radicalmente quando se faz textos em vez de imagens. Mas atualmente é preciso lembrar-se que escrever é engajamento contra a idolatria, conforme o mostra o mandamento proibindo imagens e a oposição de Platão contra as artes plásticas.

Imagens significam coisas ao distribuírem símbolos sobre superfícies. O olho decifrador da imagem sbarca no primeiro olhar a mensagem toda.

e depois desliza pela superfície para descobrir-lhe os elementos. Tal deslizamento do olho estabelece relações entre as várias partes da imagem, e como o olho desliza circularmente, tais relações são reversíveis. A reversibilidade das relações imaginárias caracteriza o mundo dos que ~~em~~ utilizam imagens para mediar com o mundo. Para eles o mundo tem a estrutura das imagens, isto é: toda coisa se relaciona com toda coisa de forma circularmente reversível. É a ordem do eterno retorno, e a da retribuição. O dia segue a noite como a semente a colheita, a colheita a semente, a vida a morte como a morte a vida, e é igualmente correto dizer que o galo chama o sol nascente quanto dizer que o sol nascente chama o galo. A ordem circular coloca toda coisa no seu lugar justo, e se uma ação humana deslocar uma coisa, o tempo circular acabará recolocá-la. Isto isto é pois ruptura da ordem, e será vingado. O mundo imaginário é o mundo do "do ut des", do mito e do rito, da magia, e, em consequência, um mundo cheio de significados, "de deuses". Em suma: é o mundo da existência pré-histórica, a qual supera sua alienação pela imaginação.

Textos significam imagens ao desenvolverem a superfície das imagens sobre linhas. O olho decifrador do texto segue as linhas. Os símbolos formam cadeias unívocas, são como perlas em colar. Tal linearidade caracteriza o mundo dos que utilizam textos como mediações com o mundo. Isto é: em princípio tal mundo é contável, calculável, causalmente explicável, e irreversível. É composto de elementos claros e distintos, ("conceitos"), e explicar o mundo imaginário é precisamente concebê-lo. Em tal mundo conceitual todo dia é único e jamais se repete, toda colheita tem características próprias, a vida depois da morte não pode ser nem repetição nem prolongamento da primeira, mas será vida nova, e nenhum ato pode ser revogado ou retribuído. Tal mundo não é composto de cenas, como o é o mundo imaginário, mas de processos. Pois tal mundo linear da escrita é o mundo das religiões da salvação, do engajamento político, da ciência e da técnica, da fé no progresso, em suma: da existência histórica. Escrever é pois engajar-se em prol da história e contra o mito.

Mas se afirmarmos que história é a época da escrita, portanto desenvolvimento unidimensional da pré-história, perderemos aspectos importantes. Porque quando, há seis mil anos, a escrita surgiu, as imagens não foram abolidas, e a imaginação não foi substituída pela razão conceitual. História é pelo contrário luta entre imagem e texto, entre imaginação e conceito, entre idolatria e iconoclastia. No curso de tal luta surgem textos que explicam imagens, (por exemplo a Bíblia e Homero), mas também imagens que ilustram textos, (por exemplo a arte bizantina e medieval). A imaginação se serve tanto do pensamento conceitual quanto este recorre à imaginação, e no curso de tal processo ambos se fortificam, para resultarem no fim tanto em imaginação quanto em conceitualização desenfreada.

Se encaramos a história enquanto luta entre imagem e texto, a história ocidental enquanto luta entre ícone e alfabeto, (isto é: entre ícones e logos), ela se apresentará enquanto processo penoso de alfabetização da massa. Durante o trecho mais longo da história, até a inversão da impressão, os textos são raros e caros, isto é: apenas elite reduzida vive com consciência histórica, enquanto a maioria vive em clima "pagan", mágico-mítico, irracionalmente. É apenas recentemente, graças à revolução industrial e à escola primária, e apenas nos últimos países desenvolvidos, que a alfabetização e a consciência histórica se generalizaram. Pois no preciso momento da vitória dos textos sobre imagens, do racionalismo sobre a imaginação, da unidimensionalidade sobre a superficialidade, surgem novas imagens que revolvam tudo. Fotorrédios, filmes, TV etc. se põem a marginalizar os textos caros e inflados, e o pensamento racional se torna servo de uma imaginação mágico-mítica jamais vista, da idolatria dos mass media. A lenta subida e rápida decadência da linearidade face à superficialidade, da razão clara e distinta face à imaginação virulente, pode ser explicada:

A escrita, como a imagem e como toda mediação, contém dialéticas interna. É instrumento para mediar entre o homem e um mundo de imagens do qual o homem ficou alienado. Visa descrever, explicar, calcular tal mundo, torná-lo transparente para o mundo vital, e permitir ação dentro de tal mundo. O conceito é instrumento de orientação para o homem alienado do mundo. Mas o conceito pode inverter-se dialcticamente em paranoia. Em tal caso os textos deixam de mediar com o mundo imaginário, e <sup>em vez de</sup> descobrem, opacamente, toda imagem. Tais textos paranoicos não apenas não significam imagens, mas proibem explicitamente tal tipo de leitura. Quem quiser imaginar o significado de equações da física atual leu erroneamente. Os vetores de significação de tais textos se invertiram, e apontam os autores em vez do mundo. A ciência da natureza descobre no fundo dos fenômenos as regras da sua própria escrita, (lógicas e matemáticas). Tais textos irracionalmente, resultam do progresso linear, formam paredes opacas de bibliotecas que encerram a existência histórica paranoicamente. Suas explicações deixam de satisfazer, e o homem deixa de servir-se dos textos e passa a funcionar em função dos textos. A revolução nos céfios em nosso redor, a irrupção da imaginação contra a razão, é tentativa de liberar-nos de tais paredes.

O grito de maio 68 "L'imagination au pouvoir", grito de guerra contra explicação insignificantes, carece no entanto de qualificativo. Não se pode tratar de querer voltar-se a um analfabetismo pré-histórico, de querer anular a história porque levou à loucura de um progresso sem significado. Não se pode tratar disto, porque as novas imagens que começam a marginalizar textos são fundadas, elas próprias, sobre textos e devoram textos. São produtos da história e nutrem-se de história. A imaginação que as sustenta não é pré-histórica, mas pós-histórica. É techno-imaginária

A diferença entre as novas e as velhas imagens, entre programa e tapete gótico, não é, como nós fazemos crer, que uma se move e fala, e a outra está parada e se cala. A diferença essencial é que a nova imagem é produto de teoria científica, e que é produzida por operadores dentro de um aparelho. Por certo: as novas imagens são, elas também, imagens, isto é: significam um mundo mágico-mítico ordenado circularmente. Mas a imaginação que se inspira é não obstante outra. A magia do mundo significação pelos nossos meios é técnica, o mito é profundo, o que se repete eternamente nos programas não são cenas festivas, mas eventos históricos, e a retribuição que ordena tal mundo não é divina, mas funciona automaticamente. A techno-imaginação é consequência de teoria aplicada, é pós-histórica. E sua eterna repetição não é devida à circularidade do tempo, mas à circularidade das fitas que armazenam dados.

Quanto ao método de produção das novas imagens, o mais cómodo é imaginar a situação atual como caixa preta cujo input é história e cujo output são techno-imagens. Por um lado entram eventos na caixa, (atos políticos, descobertas científicas, obras artísticas etc.), do outro lado saem imagens, (programas TV, filmes, cartazes). Quem estiver engajado em acontecimentos, está contribuindo à produção dos techno-imagens, mesmo e sobretudo se acreditar subjetivamente estar engajado contra a dita cultura das techno-imagens. A caixa preta, o gigantesco aparelho composto de máquinas e funcionários, é espécie de trans-coder que transforma história em programas, consciência histórica em magia pós-histórica. Do ponto de vista da história que nutre a caixa preta a nossa situação é utópica: a plenitude dos tempos. Do ponto de vista dos programas que saem da caixa preta a história toda não passa de pretexto para programação imaginativa.

Para quem estiver ainda engajado na composição de textos, quem ainda tiver consciência histórica, o único engajamento digno parece ser o ne-ico-clástico. Não apenas porque atualmente se inverteu a relação entre texto e imagem, entre razão e imaginação: os textos não mais explicam imagens, mas formam scripts para a produção da imagem, e a razão conceitual não mais critica a imaginação, mas projeta programas alucinantes. Mas principalmente porque na situação atual a dignidade humana, que reside para os demais engajados na capacidade de superar a imaginação por conceitos, por "fantasia essata", passa a ser ridículo anacronismo. O papel do intelectual atualmente me parece ser o de sempre: defender a capacidade racional contra a idolatria que a ameaça.

Mas com uma ressalva: não são as novas imagens que ameaçam a razão, mas a nova imaginação que as sustenta. O desafio que a atualidade nos lança me parece ser a tentativa de submeter as novas imagens à análise racional, e destarte transformá-las em instrumentos de ação histórica, em vez de permitir que funcionem como superfícies adoradas. Mas tal proposta ultrapassa o tema deste seminário, e fica apenas sugerida.